

**Título:** A Psicologia na Formação de Educadores de Infância

**Autor:** Jorge Pinto

**Instituição:** Escola Superior de Educação de Setúbal

Esta breve troca de ideias reflecte ainda que de uma forma sucinta o debate que, implícita ou explicitamente, se vai sentindo / vivendo nesta instituição de formação embora este não vá tão longe quanto todos gostaríamos que fosse. Tenho a certeza que este debate contribuiria não só para um enriquecimento das várias disciplinas implicadas no curricula de formação dos profissionais de educação (e em particular no curso de educadores de infância) e na melhoria da qualidade da própria formação.

É hoje reconhecido o papel importante da educação pré-escolar no devir das crianças, sobretudo ao nível dos desempenhos escolares, todavia não os podemos desligar da própria pessoa como um todo. Neste contexto, destaca-se o papel do educador de infância como primeiro “actor” da primeira instituição educativa. É curioso desde já notar esta designação de educador por contraponto com os outros “actores” que se irão ocupar das crianças nas outras instituições educativas pelas quais a criança passará - designados de professores. Apesar de hoje esta distinção ser irrelevante, gostaria de sublinhar que desde o início a actividade do educador é marcada por uma ideia de uma intervenção para o desenvolvimento da criança. Trata-se de uma “intervenção” plurifacetada que transcende largamente um papel de “instrução”. Todavia a actividade profissional do educador sobre esta grande designação de promoção do desenvolvimento recobriu e recobre hoje ainda ideias e práticas diversas.

- Desenvolver é “prestar cuidados básicos” (higiene e alimentação) uma vez que todo o potencial do desenvolvimento está na criança.
- Desenvolver é “velar” para que a criança cresça dentro das normas socialmente aceites.
- Desenvolver é “ensinar um conjunto de “conceitos” entendidos como bases do conhecimento ulterior”.
- Desenvolver é dar livre curso à actividade e espontaneidade da criança.
- Desenvolver, envolve parte de tudo isto, aliado à construção de um contexto que permita toda uma rede de relações, actividades e oportunidades em que a criança vive se apropria do vivido e evolui.

Se ao nível do discurso teórico é fácil enquadrarmo-nos numa concepção e, nomeadamente, nesta última é bem mais difícil, construir uma “prática” coerente com o modelo que cada um constrói para si acerca do desenvolvimento. A instituição, a organização do trabalho, a pressão dos pais, os recursos, as próprias crianças concretas, os obstáculos e os problemas que o educador encontra levam por vezes a desvios na coerência entre teoria e prática. Esta contradição não é específica do educador de infância mas de todos os agentes educativos. Se aparentemente o educador se pode defender melhor desta situação pela ausência de um “programa educativo imposto ou sugerido” está também mais aberto ao jogo de influências dos vários actores que intervêm neste processo. Certamente, que todos querem o “bem” da criança mas o que este é, para a instituição, pais, educadores e porventura para as próprias crianças nem sempre é o mesmo, e sobretudo não se traduz na prática da mesma forma.

Assim, a formação do futuro educador terá de o preparar para lidar com todo este tipo de situações. Para tal, a formação não se deve restringir apenas ao ensino/aprendizagem de um conjunto de “conceitos” e procedimentos mas também à aprendizagem de atitudes não só no que respeita ao “estar e trabalhar” com crianças mas ao “estar, trabalhar e coexistir com outros”. É a este complicado desafio que a formação deverá responder.

De que modo a psicologia pode contribuir para esta formação?

Trabalhar em educação implica lidar com indivíduos concretos e com os seus processos de mudança. Que “Disciplina” poderia ajudar melhor a este fim senão a Psicologia?

Desde há muito, antes mesmo do aparecimento da psicologia científica, que esta jogou um papel importante na elaboração de propostas pedagógicas e na configuração da teoria educativa. Mas foi durante a primeira metade deste século que a psicologia se afirmou como a “rainha” das Ciências da Educação cumprindo assim as expectativas que sobre ela estavam depositadas. A esta situação não é alheio o desenvolvimento de três áreas de capital importância para a inteligibilidade do Homem e dos seus processos de mudança:

- Uma metodologia saída da psicologia experimental.
- Psicologia da criança (mais tarde do desenvolvimento).
- Psicologia diferencial.

Mas ao ser considerada como a “Ciência da Educação” vê-se confrontada com todos os problemas e aspectos relevantes do fenómeno educativo. Podemos talvez dizer que o preço a pagar por esta situação de primazia foi demasiado alto, porque ao ampliar os seus objectos de estudo na tentativa de dar resposta aos problemas não só perde identidade e credibilidade, como o diálogo com a pedagogia se torna cada vez mais difícil.



Perde identidade porque:

- Os resultados das investigações são muitas vezes contraditórios.
- Aparecem diferentes concepções sobre os mesmos assuntos provenientes das diferentes “Escolas”.
- A aplicabilidade educativa de grandes correntes da aprendizagem desenvolvidas na primeira metade do século XX, tornam-se duvidosas.
- Emergem outras Ciências que disputam à psicologia o seu lugar de primazia uma vez que respondem de uma forma mais eficaz a alguns problemas.

Por outro lado, o reconhecimento de uma relação unidirecional entre a psicologia e a educação torna o diálogo cada vez mais difícil com os pedagogos, porque os problemas que estes consideram como importantes não merecem uma importância enquanto objectos de estudo e o que os investigadores têm para oferecer não se revela de grande utilidade para quem está no terreno. Por outro lado, convém reconhecer que uma formação quanto mais próxima está das “ciências básicas” mais alto é o seu “status” académico. Mas esta situação de divórcio foi igualmente vivida dentro da própria psicologia entre aqueles que trabalhavam na psicologia fundamental e os que, por força do seu trabalho, tinham que encontrar soluções concretas para problemas reais.

Face a esta situação os próprios psicólogos, refletindo a eficácia e coerência da sua intervenção no terreno educativo, iniciam um importante processo de reflexão e de reconstrução da intervenção da psicologia a este nível. Esta reconstrução é marcada por três vectores fundamentais:

O primeiro consiste em aprofundar um diálogo, quer ao nível conceptual, quer ao nível da investigação com outras Ciências que se debruçam sobre os factos e os problemas educativos, abrindo perspectivas de um enriquecimento mútuo e de uma produção de conhecimentos mais globalizante acerca dos factos e problemas que se colocam na realidade. Raramente estes, devido à sua complexidade, podem ser resolvidos e “explicados” a partir de um único ângulo de visão fornecido por uma Ciência. Cito como exemplo os debates em torno da problemática do insucesso escolar.

O segundo consiste num diferente posicionamento epistemológico entre “investigação fundamental e aplicada” ou entre as “Ciências Básicas e as Aplicadas”. Embora estas tenham em conta os conhecimentos da primeira, o facto de os utilizarem sem uma perspectiva unidirecional, isto é, resumida apenas à sua aplicabilidade e tendo em conta os problemas, factores e variáveis das situações educativas, contribui não só para a construção de um corpus próprio mas também para o enriquecimento da própria psicologia enquanto ciência. De facto a realidade impõe, muitas vezes, a necessidade de um aprofundamento ou mesmo reformulação dos saberes produzidos em situações mais ou menos experimentais.

O terceiro consiste na emergência de uma abordagem construtivista dos processos de Desenvolvimento e Educação que passa pelos seguintes aspectos:

1. Tomada de consciência de que a educação enquanto instrumento de “enculturação”, de transmissão da cultura a novas gerações, tem frequentemente um papel “conservador” contribuindo de uma maneira poderosa para a manutenção de um “status” social, fazendo com que a sociedade mude o menos possível de uma geração para outra. Não será por acaso que a inovação em educação demora tanto tempo a generalizar-se.



2. A rejeição crescente de uma concepção da criança/aluno como receptor/espectador de uns tantos saberes culturais, e de uma concepção de desenvolvimento entendida como uma acumulação de aprendizagens específicas. É importante referir aqui o papel de toda a psicologia genética na construção de este novo olhar sobre a criança e o seu desenvolvimento. Todavia, se parece hoje pacífica esta visão como conciliar ao nível das práticas a função “conservadora das instituições educativas” com o desenvolvimento centrado na actividade construtiva?
3. O reconhecimento igualmente crescente de que embora o processo de desenvolvimento tenha uma dinâmica interna própria, a forma que esta toma é inseparável do contexto cultural que o envolve e sustenta, das aquisições dos saberes de cada cultura e da realização de aprendizagens específicas. Gostaria aqui de salientar a importante contribuição de Vigotski na conceptualização deste problema.
4. O reconhecimento de que desenvolvimento, aprendizagem e ensino, longe de constituírem compartimentos estanques, mantêm estreitas e complexas relações entre si e que educação e ensino são peças chaves para compreender a natureza dessas relações.
5. Finalmente um maior investimento nas complexas relações entre o saber teórico e um “saber em acção” ponto fulcral da formação.

Aprender os vários conceitos das diversas disciplinas embora fazendo parte de uma cultura profissional em sentido lato, não estão directamente ao serviço do exercício profissional. Como construir então uma formação mais ajustada quer às necessidades dos profissionais, quer às exigências da própria profissão?

Retomando agora esta última questão e as funções e exigências da actividade profissional do Educador, podemos ensaiar uma tentativa de resposta sobre o papel da psicologia na formação desses profissionais.

Parece assim, pelo que ficou dito, que lidando a educação com processos de mudança dos indivíduos, quer a psicologia do desenvolvimento (porque se ocupa dos processos de mudança ao longo da vida, tanto nos seus aspectos mais gerais como no facto das pessoas diferirem entre si), quer a psicologia da educação (porque se ocupa dos processos de mudança produzidos por situações educativas) constituem os pilares da intervenção da psicologia na formação. Não se trata aqui de fornecer uma visão unidirecional quer ao nível das abordagens teóricas quer ao nível da relação com a prática, mas procura-se antes que os conhecimentos trabalhados, mais do que ditarem condutas, sirvam para desenvolver nos futuros profissionais capacidades e competências de observação, interrogação, confrontação de resultados, colocar em perspectiva diferentes pontos de vista, aprender face a “resistências” ou problemas reais, situar-se e saber onde e quem interrogar. Obviamente que para adquirir estas capacidades é necessário uma formação específica, mas uma formação no sentido amplo do termo, isto é, que alie os conhecimentos, a sua apropriação os seus usos através da reflexão e da prática. Não se trata aqui nem de um conhecimento meramente teórico, nem tão pouco de uma visão utilitária “pronta a consumir ou usar” dos vários objectos de trabalho. Pensamos que ambos são úteis, mas articulados com o terreno da “experiência”, isto é, a zona de recuo e interrogação das práticas à luz dos conhecimentos teóricos disponíveis ou a produzir. Só assim poderemos estar certos de que estamos a formar profissionais autónomos e capazes de responder aos desafios do futuro.

Nesta perspectiva não poderemos conceber aquele que se forma como um “elemento de passagem” de um conjunto de saberes que se destina

fundamentalmente a usar com outros. A apropriação pessoal, as vivências, os usos, as contradições dos futuros educadores são peças essenciais neste processo de formação não só para o seu desenvolvimento pessoal mas para o seu “ser profissional” que de resto é indissociável.

Esta atitude não é apenas uma questão de altruísmo, mas ela é fundamental para o avanço e desenvolvimento das várias ciências da educação e, nomeadamente, da psicologia. Este desenvolvimento só se opera se houver contradições entre o que se “sabe” e aquilo que este saber ainda não consegue responder.

É a este conjunto complexo de problemas que tentámos responder no trabalho desenvolvido pelos docentes das Ciências da Educação.